

## Da exclusão à regência: As Mulheres nas Bandas de Música

### Comunicação

#### GTE 14 - Gênero e sexualidade na Educação Musical

*Francisco Ernani de Lima Barbosa*  
*Secretaria da Educação do Estado do Ceará – SEDUC*  
[francisco.barbosa5@prof.ce.gov.br](mailto:francisco.barbosa5@prof.ce.gov.br)

**Resumo:** A presente comunicação é um recorte de uma pesquisa de mestrado apresentada na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), que discute a presença feminina em bandas de música, com foco na atuação da maestrina Alexandra Marques. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, visando compreender a inserção das mulheres nesse espaço que historicamente foi ocupado por homens. Como método, foi selecionado o estudo de caso, por apresentar um maior número de instrumentos para a coleta de dados. A construção dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com a maestrina, a prefeita da cidade de Alto Santo – CE, e um integrante da banda de música, além da análise documental de registros históricos, artigos e comunicações sobre a temática. Os resultados indicam que, embora a participação feminina em bandas de música tenha começado a se expandir a partir das décadas de 1970 e 1980, especialmente em bandas civis, as bandas militares permaneceram mais resistentes à presença de mulheres até meados da década de 1990. Nesta comunicação, é possível perceber o relevante papel desenvolvido pela maestrina Alexandra Marques, especificamente na cidade de Alto Santo – CE, que, apesar das dificuldades, conseguiu conquistar uma posição de liderança em sua região. No entanto, a escassez de registros históricos e a dependência de fontes secundárias demonstram que ainda é necessário o surgimento de mais pesquisas para um maior aprofundamento e compreensão sobre a temática.

**Palavras-chave:** banda de música, presença feminina, maestrina.

### A presença da mulher nas bandas de música

A inserção das mulheres nas bandas de música é algo recente e, embora não cite fonte, Almeida (2010) afirma que “foi somente na década de 1970 que as mulheres passaram a integrar as bandas, porém só nas civis. Nas bandas militares, as mulheres passaram a fazer

parte somente na década de 1990” (Almeida, 2010, p. 48). Por outro lado, citando um edital de concurso para ingresso na carreira de policial militar, realizado no estado de São Paulo, Silva (2009) afirma que, naquele estado, as mulheres já tinham acesso à carreira de musicista em bandas militares a partir da década de 1980. Essas informações têm como objetivo esclarecer que, nas bandas de música, quem geralmente ocupa o papel de mestre de banda é, quase sempre, uma pessoa do sexo masculino. Isso pode ser facilmente compreendido quando se faz uma revisão histórica sobre as origens das bandas de música no Brasil ou quando se analisam fatos históricos como os mencionados anteriormente. De toda forma, a literatura tem indicado uma resistência em relação à inserção da mulher nesses grupos musicais, principalmente como regente principal.

Sendo assim, por meio da literatura consultada, foi possível verificar que o espaço de atuação da banda de música, pelo menos até a segunda metade do século XIX, era um ambiente exclusivamente masculino. Por outro lado, é necessário lembrar que, durante muito tempo, foi negado às mulheres, por exemplo, o direito à educação básica. Neste ponto, Mota (2020) lembra que “apenas em meados de 1820, as mulheres tiveram acesso legalizado às instituições de ensino no Brasil, o que refletia uma tendência global” (Mota, 2020, p. 26).

As mulheres eram, inevitavelmente, excluídas de diversas atividades profissionais, a justificativa para isso era uma suposta inferioridade intelectual da mulher em relação ao homem (Mota, 2020). No caso das bandas de música é possível inferir que, essa resistência em aceitar mulheres como instrumentistas ou mesmo regentes, tinham como justificativa a tradição herdada das bandas militares que só aceitavam em suas formações pessoas do sexo masculino. No Brasil, as bandas de música se constituíram durante um longo período como um espaço profissional direcionado para pessoas do sexo masculino, assim, a inserção da mulher em grupos de sopro, só será verificada de forma mais acentuada a partir da segunda metade do século XX, e conforme Moreira (2013) a presença feminina em bandas de música será esporádica. Neste ponto, o autor ainda acrescenta que em muitas situações a presença da mulher será vista de forma depreciativa:

Na maioria maciça dos casos vistos nas atas e documentos, relatam um papel depreciativo onde a mulher no máximo era considerada tão somente sob o ponto de vista social, na decoração do ambiente da sociedade, para festas e reuniões (eventos da sede no sentido logístico) ou às vezes como referência composicional nas “homenagens musicais masculinas” (Moreira, 2013, p. 171).

Assim sendo, “inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados” (Bourdieu, 2012, p. 34). Em razão disso, a mulher terá seu papel reduzido na construção histórica das bandas de música que, em todo caso, será visto como um espaço exclusivo de atuação masculina. Dessa maneira, a trajetória profissional de uma mulher até a regência de uma banda de música, por exemplo, será bem mais difícil por conta dos preconceitos presentes nesse campo de atuação. Ainda quanto à presença feminina nas bandas, Moreira (2013) afirma que a falta de registros impossibilita afirmar qual teria sido o primeiro grupo da região Nordeste a admitir mulheres em sua formação, assim, o autor prefere afirmar que isso ocorre a partir da segunda metade do século XX, provavelmente, entre os anos de 1960 e 1980. Por outro lado, Moreira (2013) também afirma que haviam grupos musicais formados exclusivamente por pessoas do sexo feminino, todavia, em sua pesquisa o autor aponta uma extrema dificuldade em encontrar registros em documentos oficiais sobre a existência desses grupos. Dessa maneira, Moreira (2013) acrescenta que:

A dificuldade dos registros e a desorganização arquivística de boa parte das filarmônicas impedem uma precisão acerca de qual foi a filarmônica nordestina pioneira a admitir mulheres. Sendo um país continental e com tais datas incertas, preferimos afirmar que tal entrada se aproxima do final da década de 1960, enquanto há outros registros já na década de 1980. Talvez a musicologia resolva este imbróglio futuramente (Moreira, 2013, p. 191).

Sendo assim, é provável que a formação de bandas exclusivamente composto por mulheres tenha como justificativa o excesso de cuidados com a reputação das meninas que não podiam frequentar ou realizar atividades no mesmo espaço que as pessoas do sexo masculino. Entretanto, há exceções na história, pois Miranda (2009) afirma que no século XIX:

[...] uma mineira chamada Raimunda Porcina de Jesus, proprietária na Chapada Diamantina, na Bahia, teve a idéia de formar uma banda de escravos comprados um a um, apresentando-o, mediante pagamento pelas suas apresentações musicais, nos diversos eventos de distintas naturezas, como festas cívicas ou religiosas, ou simples entretenimento em batizados e casamentos, ou então nos funerais. Assim, Porcina assim passou a ser vista como a primeira empresária brasileira. Com o seu falecimento, em 1887 [...] (Miranda, 2009, p. 32).

De outra parte, também é provável que a pouca presença das mulheres nas bandas de música advenha, também, da forte dominância patriarcal na sociedade ocidental capitalista. Nessa perspectiva, Bourdieu (2012) observa que:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (Bourdieu, 2012, p. 18).

Assim, a partir de sua pesquisa sociológica, Bourdieu (2012) nos apresenta dados concretos de suas observações que podem ajudar na compreensão das estruturas sociais que legitimam e estruturam diversas formas de opressão. Desse modo, é possível inferir, por exemplo, que a pouca presença feminina nas bandas é consequência de uma visão androcêntrica que impossibilita com que muitas mulheres sigam a carreira de maestrina e/ou musicista. No estado do Ceará, por exemplo, há poucas maestrinas à frente de bandas de música. Durante essa pesquisa constatei a atuação de apenas duas: Alexandra Marques, que

atualmente está à frente da banda de música do município de Alto Santo (CE) e Edna Pinheiro<sup>1</sup> que é maestrina na cidade de Barbalha (CE). Em uma das entrevistas, Aleksandra Marques relatou algumas dificuldades enfrentadas durante sua trajetória musical.

A aceitação foi um pouquinho difícil, né?! (...) Nos cursos quando eu ia pra Fortaleza também, só tinha homem, eu era a única regente de banda feminina, pessoal olhava meio que torto, alguns maestros, outros não. Como em todo lugar é assim, né?! Tem as pessoas boas, e as pessoas que não têm muito (...) que não quer valorizar muito alguém num sei (...) Mas, eu encontrava obstáculos sim. Uma das coisas que num é, assim, obstáculo, mas que, o banheiro das mulheres estava fechado e eu tive que pedir para abrir, porque lá só tinha homem, só homem usava lá, né? nunca tinha mulher. Mas os (...) o pessoal do curso sempre valorizou muito sempre falava. Eu achava interessante assim, porque enquanto que alguns não valorizava (...) aí eu era sempre motivo de falar, que falasse o meu nome, assim, dizer assim: Olha aí pessoal que interessante uma mulher no meio de vocês, tanto homem, tantos homens estudando música e uma mulher aqui, de onde você é? Perguntava isso e o nome. Depois eu fui ficando mais conhecida, levando a banda para Fortaleza nas apresentações no Dragão do Mar (Lima, entrevista – 2019).

Nas palavras da maestrina ficam evidentes alguns preconceitos sofridos nesses momentos de formação. Conforme Bourdieu (2012) isso pode ser classificado como violência simbólica, situação em que os sujeitos não percebem o abuso praticado, porque ele se torna imperceptível, simplesmente, por estar dentro de nossas categorias de entendimento e compreensão das estruturas sociais, sendo, portanto, naturalizados. Assim, para alguns maestros pode ser que a posição de mestre de bandas seja muito “nobre” para ser ocupado por uma pessoa do sexo feminino. Então, é possível inferir que para alguns desses agentes, lugar de mulher não é à frente de uma banda de música.

Desse modo, as atitudes naturalizadas de alguns mestres acabam legitimando e, de certa forma, tornando isso como lógico, isto é, uma mulher não pode ser maestrina. Portanto, “esses olhares e críticas podem expressar um tipo de dominação dos homens em relação as mulheres” (Bourdieu, 1999, p. 33). Nessa perspectiva, a mulher é vista pelo que ela não pode

---

<sup>1</sup> Tentei contato com Edna Pinheiro via *WhatsApp* e *Instagram*; entretanto, não obtive retorno da maestrina. Por esse motivo, não foi possível apresentar mais informações sobre sua atuação profissional.

realizar/fazer, por conseguinte, tendo seu espaço de atuação limitado por meio de símbolos, olhares, gestos, comentário etc. Conseqüentemente, esse processo de naturalização faz com que a mulher seja vista no meio social com menos seriedade no que faz, não podendo ocupar uma posição de destaque como o de uma mestra de bandas. Ainda conforme Bourdieu:

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (Bourdieu, 1999, p. 33).

Nesse sentido, os desafios enfrentados pela maestrina durante sua trajetória musical apresentam um dado relevante sobre a presença da mulher à frente de bandas de música no estado do Ceará, permitindo, portanto, historicizar a presença da mulher como mestra de bandas, já que, aparentemente ela foi a primeira a participar de cursos promovidos pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT/CE). Então, é possível concluir até esse momento que, no Ceará, a liderança das bandas de música é do gênero masculino. Isso fica evidenciado quando a maestrina coloca que, nos cursos ofertados pela SECULT/CE, o banheiro feminino não era utilizado, isso provavelmente, por não haver mulheres frequentando as classes de regência. Sobre isso a maestrina argumenta que:

Logo quando eu comecei tinha também uma resistência por parte dos maestros, nos encontros de bandas. Porque eles me olhavam meio assim e não me atendiam como hoje que a gente se reúne e é aquela alegria e todo mundo é igual, mas é (...) no início de até alguns músicos da nossa própria banda teve essa resistência. Só passaram a mudar de opinião quando viram que eu tinha estudado e que eu sabia o que estava fazendo ali naquela profissão de maestrina (Lima, entrevista – 2019).

Outra questão que precisa ser pontuada é a discriminação dos próprios mestres de bandas para com a colega. Isso fica claro quando ela afirma que alguns maestros da classe de regência não se sentiam à vontade com uma mulher estudando junto com eles.

## **Atuação da Maestrina Alexandra Marques na Banda de Música Dom Pompeu**

A maestrina Alexandra Marques de Oliveira Lima, mais conhecida como Lekinha, iniciou seus estudos musicais no ano de 1990 na Banda de Música Municipal de Jaguaruana (CE). Seu primeiro professor foi o mestre de banda Eduardo Alberto de Holanda, mais conhecido como Didi. No ano de 2000, com a saída do maestro Didi, da Banda de Música Municipal de Jaguaruana, Alexandra Marques foi convidada pelo prefeito da cidade para assumir os trabalhos com o grupo, mas com o convite também vieram às primeiras dificuldades, principalmente relacionadas as questões de gênero.

Esse relato apresenta uma situação que ainda acontece com diversas mulheres que atuam no meio musical, principalmente na área dos instrumentos de sopro e, por relação, nas bandas de música, por sua formação instrumental. Todavia, apesar das desconfianças, dificuldades e obstáculos impostos, Alexandra Marques seguiu sua carreira como maestrina e a partir do ano de 2015, também passou a atuar na Banda de Música Dom Pompeu da cidade de Alto Santo (CE), onde atualmente, desenvolve uma série de projetos junto à prefeitura municipal, através da Secretaria de Cultura e Juventude (SECUJ). Sobre a banda de música e o papel desempenhado pela maestrina à prefeita, Irisneile Gadelha, comenta que:

Quando eu entrei que nós vimos à situação que estava a Banda de Música Dom Pompeu, na verdade tocou em mim, porque quando eu era criança, eu não tinha idade na época de tocar um instrumento porque era só para adultos, aí eu conheci Lekinha, que é nossa maestrina. Ai eu disse: Lekinha o que é que é possível daqui, ela disse: é possível formar a banda inteira e, uma das preferências de Lekinha, como ela sabia que eu tinha esse sonho frustrado de nunca ter tocado um instrumento na Banda Dom Pompeu, ela disse: vamos começar pelas crianças, então hoje a nossa banda Dom Pompeu, ela vai desde a criança até o pré-adolescente, agora nós estamos incentivando aos adultos participarem e, num sei se Lekinha lhe comunicou, nesse projeto, na nossa banda Dom Pompeu, nós temos alunos da APAE também, é, são cinco ou seis alunos que são da APAE (Costa, entrevista – 2020).

Percebe-se que a banda de música se apresenta como um espaço de formação musical, e que a maestrina, tem um papel imprescindível na construção histórica dos

significados atribuídos à banda, reconstruindo o sentido de cultura como ação histórica, nesse caso remodelando a presença do gênero feminino numa tradição construída por homens. Como observa Pontes e Nogueira (2018), “as bandas municipais fazem parte da tradição musical da maioria das cidades brasileiras” (Pontes; Nogueira, 2018, p. 88), mas, como adverte Giddens (2003), as mudanças acontecem no âmbito das tradições, pois:

A idéia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas (Giddens, 2003, p. 51).

Discorrendo acerca da importância do serviço público como dinamizador de ações de cidadania cultural, Chauí (1995) pontua o importante papel desempenhado pelo funcionário público consciente, comprometido e responsável. A maestrina é uma servidora pública, a mais nobre das carreiras profissionais. Na banda de música, um dos trabalhos desenvolvidos pela maestrina é ir até as escolas de educação básica para fazer a divulgação das aulas de música que acontecem na Banda de Música Dom Pompeu e, com isso, muitos alunos passam a conhecer a banda. João Pedro, integrante da banda, fala que se interessou pelas aulas de música:

Porque antes quando era no começo a tia passou nas escolas falando, eu já queria entrar só que eu não vim nos primeiros ensaios por conta que era o meu aniversário, daí não deu pra mim vim, aí eu entrei depois porque eu pensei que eu não poderia entrar, só que aí minha amiga já entrou e eu vim mais ela um ensaio, e aí eu pedi a tia para mim entrar também (Lima, entrevista – 2020).

Essa atividade de divulgação do ensino público e gratuito de música, realizada por muitos maestros nas escolas públicas de cidades interioranas, tem ajudado na expansão da ação das bandas e na manutenção de sua tradição nessas cidades. Observe-se que, em se tratando de tradição, essa é uma das mudanças significativas que os maestros enfrentam na atualidade – não basta apenas reger ou ensinar um instrumento, é necessário agir mais amplamente na sociedade local.



Ao longo da pesquisa, observei que a maestrina vem desenvolvendo estratégias pedagógicas para melhorar a qualidade do ensino, além de atender as solicitações de apresentações, que são momentos de aprendizado para os integrantes da banda e para os cidadãos que apreciam e conhecem um pouco sobre música instrumental, instrumentos musicais da banda e gêneros musicais. Sobre a função de uma banda na cidade de interior a maestrina afirma que:

Aqui no interior eu acho mais interessante ainda banda de música, porque é algo que as pessoas pensam que só vê na televisão, nas capitais, eu acho até que eles valorizam mais, acham mais é (...) difícil, eles acham que fosse uma coisa, talvez, até impossível daquelas crianças aprenderem à música né, e, por esse motivo eles valorizam mais (Lima, entrevista – 2020).

Sobre o significado do trabalho que é desenvolvido na banda, a prefeita considera de fundamental importância o resgate da cultura, tanto que, em uma de suas falas, Irisneile Gadelha afirma:

A (...) pra mim, é história, pra mim é minha infância, pra mim é um resgate cultural, eu vim (...) eu me criei aqui à vida inteira e, tem um música que eu não sei cantar, mas que Padre Léo quando estava perto de falecer, ele sentava numa cadeira, eu cantei até lá na missa: “Eu não me acostumei, nas terras onde andei”, e voltei pra isso, voltei para resgatar o que eu tinha deixado e graças a Deus em quatro anos de gestão, Deus tem me dado mãos para me ajudar. A Banda Dom Pompeu, hoje, quando fala na Banda Dom Pompeu, quem é filho de Alto Santo sabe da sua história, sabe da importância, né. Dom Pompeu era um bispo, filho daqui, da cidade, de uma família tradicional daqui, então assim a preciosidade que tem a banda é porque ela era a nossa referência, chegava o Sete de Setembro todos os alunos marchavam ou atrás ou na frente da banda (Costa, entrevista – 2020).

Nas palavras de Irisneile Gadelha, aparece uma das características da instituição banda de música, a sua historicidade, pois “as idéias corporificadas na instituição foram acumuladas durante um longo período de tempo, através de inúmeros indivíduos cujos nomes e rostos pertencem irremediavelmente ao passado” (Berger; Berger, 1977, p. 199). Portanto, reativar a banda de música é manter a história de Alto Santo (CE), não como uma mera repetição do

passado, mas, também, como uma reinvenção desse mesmo passado no presente. Giddens (2001) aponta que é a partir da tradição que os grupos humanos constroem um caminho seguro e previsível para o futuro, diminuindo as incertezas, uma vez que, a tradição envolve o controle do tempo em um processo contínuo de reforma da vida cotidiana (Giddens, 2001). A banda incorpora essa vestimenta na atualidade de Alto Santo e a ação cultural da maestrina tem sido fundamental, visto ser ela a agente musical mais importante da cidade. Quando perguntada sobre as qualidades que uma mestra de banda precisa para atuar, a maestrina recorre à sua própria formação musical, reconstruindo parte de seu passado. Ela comenta que:

A primeira que eu vou falar é a que meu maestro dizia: pulso forte, ele dizia assim (risos): tem que ter pulso forte, mas hoje eu vejo assim, que a responsabilidade, mas com carisma. Assim, a gente tem que ter aquele pulso forte que o maestro falava, mas com carisma, com carinho, porque assim, hoje as crianças a gente vê a parte, assim, psicológica que vem às vezes com problemas da escola, então eu acho que a gente tem que dar uma “balançadazinha”, assim, aquela firmeza. Mas, assim ao mesmo tempo aquele cuidado aquela atenção né? Então o maestro além de pulso forte como o meu maestro falava, responsabilidade, formação né? Tem que ter o estudo é muito importante, a experiência, às vezes a gente nem tem muito aquela bagagem, se a pessoa não tiver, mas se tiver a experiência com banda, com aquele segmento [...] (Lima, entrevista – 2020).

Nesse sentido, para a mestra uma das qualidades do mestre de bandas na atualidade deve ser o pulso para manter a banda disciplinada, entretanto, essa disciplina deve ser cobrada com carisma e respeito com os integrantes da banda. Assim, a relação do mestre com a banda deve ser construída com: carinho, carisma, atenção. Portanto, a maestrina Alexsandra Marques tem desenvolvido importantes serviços por meio da Banda de Música Dom Pompeu, possibilitando que na cidade de Alto Santo as crianças e jovens tenham acesso à educação musical de forma sistematizada.

## Conclusão

O presente estudo identificou que, historicamente, as bandas de música são um espaço de atuação predominantemente masculina, com a inserção das mulheres ocorrendo

apenas nas últimas décadas. Conforme Almeida (2010), a participação feminina em bandas civis começou na década de 1970, e nas bandas militares apenas na década de 1990. De outra parte, Silva (2009) destaca que em São Paulo, as mulheres começaram a ter acesso às bandas militares a partir da década de 1980. Esses dados evidenciam a resistência histórica à presença feminina nesses espaços, especialmente em posições de liderança, como a de maestrina.

Nesse estudo, foi possível registrar as experiências da maestrina Alexandra Marques, que, apesar dos preconceitos e obstáculos enfrentados, conseguiu se destacar na regência da banda de música de seu município e atualmente é reconhecida em sua região como maestrina, atuando também em outras cidades do vale do Jaguaribe. Sua atuação demonstra a gradual inserção das mulheres em um campo tradicionalmente masculino.

Entretanto, este estudo apresenta algumas limitações. Primeiramente, gostaria de destacar que a escassez de registros históricos sobre a participação feminina nas bandas de música, especialmente na região Nordeste, dificulta uma análise mais abrangente e precisa nessa pesquisa. Moreira (2013) afirma que a dificuldade em encontrar documentos oficiais que registrem a presença de mulheres nas bandas, isso dificulta a compreensão do papel feminino nesse cenário. Por outro lado, apesar dessas limitações, esse estudo apresenta avanços ao trazer à cena questões relevantes sobre gênero, tradição e resistência cultural, contribuindo dessa forma para a valorização das mulheres na música e incentivando futuras pesquisas que possam aprofundar e expandir esse campo de estudo.

## Referências

ALMEIDA, José Robson Maia de. *Tocando o repertório curricular: bandas de música e formação musical*. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2010.

BERGER, Peter L., BERGER, Brigitte. *O que é uma instituição social?* In: FORACCHI, M. M., MARTINS, J.S.(Orgs). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 193-199.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p. Tradução Maria Helena.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura Política e Política Cultural*. São Paulo: Revista Estudos Avançados, v. 9, n. 23, 1995.

COSTA, Maria Irisneile Gadelha Sousa. [dez. de 2020] Entrevistador: Francisco Ernani de Lima Barbosa. Alto Santo – CE. Entrevista – Maria Irisneile Gadelha Sousa Costa.mp3 (10:27 min).

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociologia: Ensaios, interpretações e trélicas*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LIMA, Alexsandra Marques de Oliveira. [dez. de 2020] Entrevistador: Francisco Ernani de Lima Barbosa. Alto Santo – CE. Entrevista – Alexsandra Marques de Oliveira Lima.mp3 (25:28 min).

LIMA, João Pedro da Silva. Entrevista. [jun. de 2020] Entrevistador: Francisco Ernani de Lima Barbosa. Alto Santo – CE. Entrevista – João Pedro da Silva Lima.mp3 (14:21 min.).

MIRANDA, Dilmar. *Nós a música popular brasileira*. Fortaleza. Expressão, 2009.

MOREIRA, Marcos dos Santos. *Bandas de Música e Gênero: uma busca da ativa participação da mulher nordestina*. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 66-76, ago. 2013.

MOTA, Yanaê Vasconcelos. *Não se nasce professora, torna-se professora: um estudo sobre gênero e diversidade sexual no desenvolvimento profissional docente de duas professoras universitárias de violoncelo*. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2020.

PONTES, Samuel Campos de; NOGUEIRA, Lenita Waldige. *Experiência de Formação: contribuições para a formação na área de música*. In: TOURINHO, Cristina. Formação

Profissional em Música: experiências e diálogos. 2. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2018. cap. 3, p. 76-98.

SILVA, Lélío Eduardo Alves da; FERNANDES, José Nunes. *As Bandas de Música e seus "Mestres"*. Cadernos do Colóquio: Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 154-167, 2009. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/view/450>. Acesso em 21 julho 2020.